

## CAPÍTULO 3 – Antecedentes da partida da família Monteiro Lobato para Nova Iorque (1927)

*Denise Maria de Paiva Bertolucci*

A família Monteiro Lobato embarca no Rio de Janeiro, rumo aos Estados Unidos da América, em maio de 1927. O escritor havia sido nomeado adido comercial nesse país pelo presidente Washington Luís (1869-1957). O primeiro endereço da família é um apartamento alugado em Jackson Heights, Long Island, na 24th. Street. Em 1928, transfere-se para o número 3505 da Broadway e, em março de 1931, retorna ao Brasil, depois de Lobato sofrer um grande prejuízo com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929) e ainda perder a posição de adido, quando Washington Luís é deposto e Getúlio Vargas assume o poder (1930). Apesar de curto – três anos e nove meses –, o período em que os Lobato vivem nos Estados Unidos é intenso, com acontecimentos marcantes relacionados não apenas ao trabalho e aos empreendimentos do chefe da família, mas também aos estudos dos irmãos Edgar e Guilherme e ao casamento da filha mais velha do escritor, Martha.

Todos esses eventos estão inscritos em cartas, grafadas e recebidas por Lobato, em jornais desse país, em registros de diferentes setores e em fotos. Tais documentos estão sendo cuidadosamente buscados, organizados e comentados numa pesquisa profunda em andamento, que se empenha em apresentar a verdade dos fatos e preencher lacunas de informação. A fixação dos fatos biográficos da família Monteiro Lobato é necessária porque esses dados são basilares em qualquer ramo de pesquisa que se empreenda sobre o escritor.

O método de pesquisa adotado é o documental, porquanto a investigação recorre prioritariamente a fontes primárias para a coleta de dados: artigos de jornais, registros de órgãos oficiais, livros do ano, cartas e depoimentos. O material ora apresentado aborda o período compreendido entre os anos 1925-1927, em que o escritor brasileiro José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) muda-se com a família para o Rio de Janeiro, permanecendo nessa cidade até o embarque para os Estados Unidos, em 1927. Acompanhem, pois, as informações sobre os antecedentes do embarque no vapor “American Legion”.

### **Fundação da nova companhia editora e campanha para o barateamento do livro**

Em 30 de setembro de 1925, a família Monteiro Lobato se transfere para a cidade do Rio de Janeiro, numa decisão tomada pelo escritor depois que sua Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, com sede em São Paulo, decreta falência. Em 16 de outubro daquele ano, escreve para o cunhado Heitor de Moraes, esposo da irmã Esther e um de seus mais assíduos correspondentes, comunicando o novo endereço:

Até agora não fiz outra coisa senão procurar casa. Teimei em instalar-me numa que satisfizesse integralmente a espôsa, visto como quem mora é ela. Os homens moram mais na rua. Achei um encanto de palacetezinho na Rua Prof. Gabizo, 97 e vou fechar contrato. Nosso endereço pois é agora êsse (LOBATO, 1961, v. 1, p. 184).

O período que separa o escritor da partida para os Estados Unidos com a família, em maio de 1927, é marcado por várias experiências impactantes vividas na cidade do Rio de Janeiro. A nova companhia editora – a Companhia Editora Nacional, em parceria com Otales Marcondes Ferreira – é fundada em fevereiro de 1926 e inicia as atividades com *Hans Staden*. Esse começo é saudado com genuíno orgulho por Lobato, como constatamos na carta a Rangel de 26 de janeiro desse ano:

Mando-te um *Staden*, a edição primogenita da nova companhia e, por coincidência, o primeiro livro que se publicou sobre o Brasil. É obra realmente interessante e merecedora do sucesso que tem tido. A edição inicial de 3 mil está no fim. Vamos tirar outra e maior (LOBATO, 1957, v. 2, p. 287).

A propósito do gênero romance histórico, na carta de 7 de fevereiro de 1927, opina e sugere ao sempre leal destinatário:

A nossa nova empresa editora vai com todos os ventos favoráveis. Cada edição, um triunfo. Do *Príncipe de Nassau*, do Setubal, tiramos 20.000 e já está perto do fim. Cheira-me que o romance histórico é mina. Por que não pensas num? Bem dramático, bem cinema? (LOBATO, 1957, v. 2, p. 297).

No artigo publicado n’*O Jornal* de 7 de setembro de 1926, motivado pela efeméride, Monteiro Lobato retoma duas importantes obras escritas sobre o Brasil: de Hans Staden (1557) e de Jean de Lery, surgida dezanove anos depois. A erudição do escritor fornece aos leitores do periódico razões de cunho humanístico para elucidar o interesse por livros com conteúdo histórico:

Não há livro mais interessante, empolgante e instructivo que os desta categoria – e que mais valham a nós brasileiros como reflexo do que foi a terra em seus inícios, e do que foram os nossos avós perophagos. São os romances da verdade – e por isso eternos. Livros que não envelhecem nunca. Os seculos passam sobre elles e quem os lê tem a sensação da novidade mais absoluta.<sup>8</sup>

Desse modo, é compreensível que o *Hans Staden* da editora de Lobato alcance a marca de 8.000 unidades em três meses e chegue às escolas, como comunica a Rangel em carta de 7 de maio de 1926<sup>9</sup>. Localiza-se nesse período também, e apropriadamente, a luta do escritor pelo barateamento e consequente popularização do produto livro. Podemos destacar a tal respeito a carta enviada ao recém-eleito presidente Washington Luís, em 26 de maio de 1926, e o artigo publicado no jornal *A Manhã*, de 26 de dezembro do mesmo ano.

É assombroso percebermos como o assunto é atual, apesar dos tantos anos que se seguiram aos esforços de Lobato. Não podemos deixar de notar, claro, no caso da mensagem ao presidente, a tentativa do criador de Narizinho de chamar a atenção para as perdas econômicas sofridas como editor. A paixão pelos livros e pelo conhecimento que liberta e transforma, advindo das leituras fecundas, são, sem dúvida, suas maiores motivações. Transcrevemos um trecho da carta a Washington Luís:

Mas não há cultura possível sem livro e livro barato, livro que penetre nas massas populares e lhes erga o nível mental. Que nos vale ter picos como Rui Barbosa se a planície apresenta um dos mais baixos níveis culturais do mundo?

<sup>8</sup> LOBATO, M. Jean de Lery. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 2374, p. 2, 7 set. 1926.

<sup>9</sup> Para uma análise desta publicação e sua importância para a formação do Brasil, consultar SANTANA-DEZMANN, V. *A construção de uma nação*. Londrina-PR: Viseu, 2019.

O livro barato, acessível ao povo, tem sido a nossa obsessão de editores falidos e ressurgidos, e é isso que nos traz perante V. Exa. neste momento em que se trama contra êle um novo golpe de misericórdia.<sup>10</sup>

Atinente ao artigo, a verve lobatiana é responsável por um texto com elementos que o aproximam da crônica jornalística. Faz-se, ao mesmo tempo, a divulgação de dois projetos de lei – um na Câmara e outro no Senado – que objetivam “salvar do despenhadeiro em que rola o livro nacional”<sup>11</sup> e a crítica bem-humorada a congressistas que votam projetos sem saber de fato o que significam e no que podem resultar. Prosseguindo com a exposição dos fatos experimentados na então capital federal, na sequência comentamos outros dois.

### **Convivência com os intelectuais da cidade e candidatura para a Academia Brasileira de Letras**

É surpreendente acompanharmos a incorporação de Lobato aos grupos de escritores e intelectuais da cena carioca e notarmos sua manifestação encantada sobre o fato. Numa carta a Rangel, de 8 de novembro de 1925, êle demonstra claramente tal postura de admirador daqueles homens, por ele considerados mentores, que passam a fazer parte de seu convívio. Isso acontece mesmo sendo ele uma personalidade das letras igualmente:

Faço ponto na livraria Leite Ribeiro. Reunem-se lá figurões. Gosto de conversar com o Rocha Pombo, um excelente velhinho. O Almaquio Diniz não falha. E vem o Humberto. Esses homens que o Brasil do sertão conhece pelos jornais e admira como paredros, a gente os vê em carne e osso. São glórias e gloriolas que passam, fazem estação nos “pontos”, ingerem aperitivos e vão para casa com pacotes de empadinhas no dedo. Gosto do Antonio Torres. Faz ponto á noite no grande bar fronteiro, naquele bloco de Hotel Avenida.<sup>12</sup>

Fica assente a satisfação por ver em pessoa tais figuras literárias e com elas dividir hábitos prosaicos. São do mesmo modo frequentes as impressões positivas dos colegas colaboradores dos jornais do Rio acerca do escritor paulista. Podem ser destacados os nomes de Raul Lellis e Ribeiro Couto no *Jornal da Manhã*. Há que ser mencionada também a admiração de Lobato por uma personalidade feminina bastante atuante nos anos considerados: Rosalina Coelho Lisboa. Assim o escritor se refere a ela em carta a Rangel de 7 de maio de 1926:

Quem me estimula no inglês é a criatura mais bela e inteligente do Brasil: Rosalina. Rangel, Rangel: quem passou pela vida e não conheceu Rosalina, falhou – perdeu o bonde. É a mulher da beleza triplice – física, moral e mental. Vou dizer dela aos argentinos pelo *Plus Ultra*, com um retrato de pagina inteira.<sup>13</sup>

De fato, o nome da poeta e jornalista carioca figura nas páginas do jornal *A Manhã* com frequência, tanto nas seções literárias como nas colunas sociais. Na edição do periódico de 29 de junho de 1926, ela comparece na primeira página do jornal, em foto ao lado da filha, discorrendo sobre o voto feminino e o feminismo:

Não considero o feminismo o problema social da mulher apenas, mas sim – e ali encontramos a transcendência de sua significação – uma das faces do problema humano. Cada expressão de valor humano, maxima ou minima, tem

<sup>10</sup> LOBATO, M. Op. cit., 1961, p. 194.

<sup>11</sup> LOBATO, M. Assessores. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 26 dez. 1926.

<sup>12</sup> LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 283.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 291-292.

direito á plena realização do que representa como possibilidade. O feminismo é uma tentativa de harmonia social ou antes de equilíbrio vital das organizações sociais. Deve interessar tanto ao homem quanto á mulher. Ele representa um esforço em pról do bem commum e sua victoria é necessaria ao aperfeiçoamento da sociedade. Com o feminismo, cuja victoria fôr resultado de uma acção conjunta, a mulher deixará de ser uma força desaproveitada para ser uma força dirigida pelo reconhecimento do dever de agir como possibilidade independente, sem preocupações vaidosas de limites. Esse feminismo trará, fatalmente, o direito feminino do voto e elegibilidade. Todos os direitos serão reconhecidos a um feminismo que se imponha por um numero de resultados de incontestavel significação superior, porque elle assim se tornará de necessidade vital para a vida do paiz.<sup>14</sup>

Eis a razão do fascínio de Lobato pela intelectual. Trata-se, sem dúvida, de uma mulher de aguda percepção dos papéis sociais e do processo civilizatório, com notável visão avançada para aquele momento. A propósito da menção ao idioma inglês, feita pelo autor a Rangel, talvez se explique pelo relacionamento da intelectual brasileira com D. Miller, naquele momento vice-presidente da “United Press”. O noivado do casal é noticiado pelo jornal *A Manhã* de 22 de julho de 1927.

O laço de amizade de Lobato com Rosalina Coelho Lisboa é confirmado pela filha mais velha do escritor, Martha Lobato Campos, numa entrevista gravada em 20 de setembro de 1982, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, dentro do projeto Memória de Monteiro Lobato. Ao ser indagada pela entrevistadora Sara de Oliveira Ramos se tinha conhecimento da ida do autor ao Rio, para agradecer a intelectual por ter sido solto da prisão decretada por Getúlio a pedido dela, uma vez que não a conhecia pessoalmente, Martha se manifesta desta forma:

Ele já conhecia ela antes, desde que morou no Rio; desde que morou no Rio já era muito amigo da Rosalina Coelho Lisboa, do marido, que morreu depois; depois ela casou-se com outro [...] Ela intercedeu, porque era muito amiga [...] do papai também, ela pediu por Getúlio indultá-lo.<sup>15</sup>

Vemos, pois, como a amizade com Rosalina, estabelecida nos anos em foco, na cidade do Rio de Janeiro, marcou de forma indelével a vida do escritor. Muito menor relevância pode ser atribuída a sua candidatura para a Academia Brasileira de Letras, embora o fato mereça o registro. Concernente aos motivos que o levam a se inscrever, assim o autor os explica a Rangel, na carta de 26 de janeiro de 1926, com sua característica dose de humor:

Nossos “imortais” morrem como formigas. Ha tantas “quasi-vagas”, que num momento de desespero inscrevi-me. Visitas não faço, mas mandarei uma carta a cada um fazendo um gentil rapapézinho. Serão 37 cartas – e fazer mais que isso repugna-me. Quanto á farda, não visto. E nem tomo posse. Pronunciar um discurso, de casaca ou farda – nunca! Sei que está assentada a eleição de Ademar Tavares, mas quero ver. Estou com alguma curiosidade.<sup>16</sup>

O prognóstico expresso pelo escritor se confirma e os acadêmicos elegem um “imortal” hoje totalmente desconhecido. Desde aqueles anos, podemos concluir, o pertencimento à ABL, ou a qualquer outra agremiação, não é garantia de memória imorredoura. Dando sequência à apresentação dos fatos que marcaram a trajetória de Lobato nos anos 1925-1927, é tempo de apontarmos os dois últimos estudados.

<sup>14</sup> O VOTO feminino no Brasil. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 29 jun. 1926.

<sup>15</sup> Entrevista de Martha Lobato Campos. *Memória de Monteiro Lobato*. Museu da Imagem e do Som, São Paulo, 20 set. 1982.

<sup>16</sup> LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 292. Pátio dos Milagres era o nome da seção no jornal.

## Colaboração no jornal *A Manhã* e movimentação para o lançamento do romance *O choque das raças* no estrangeiro

Figura 1 (ao lado): Início da colaboração de Lobato em *A Manhã*.<sup>17</sup>

No lançamento de *A Manhã*, mensagens de boas-vindas de outros veículos foram publicadas no primeiro número do jornal. A colaboração de Lobato tem início no ano de 1925, com a comunicação entusiasmada de um redator pertencente ao quadro do periódico *Jornal do Brasil* cuja identidade não pudemos identificar.

O mesmo entusiasmo acerca da contribuição iniciada no periódico é externado pelo escritor, numa missiva endereçada a Godofredo Rangel com data de 7 de maio de 1926:

Aborreci-me de escrever n' O Jornal por causa da letrinha miuda e dos erros de revisão. Passei-me para *A Manhã* do Mario Rodrigues, que está com a maior tiragem do Brasil. Cada numero é um estouro de bomba. Mando-te alguns artigos. O Pátio dos Milagres doeu e fez que o governo pensasse em assistir aos pobres.<sup>18</sup>

Compreende-se, portanto, o motivo de Lobato ter propalado nas páginas do jornal *A Manhã* seu “romance americano”, *O choque das raças*, ao longo do ano de 1926. A conclusão da obra é publicada em 1º de outubro desse ano. A incursão do escritor na vertente do romance de ficção científica, “meio a Wells, com visão do futuro”, como ele define em carta a Rangel de 8 de julho de 1926<sup>19</sup>, divide as opiniões dos colegas colaboradores do periódico. Numa crítica de Farias Neves Sobrinho ao romance, feita em 19 de outubro de 1926, o articulista afirma estar decepcionado em relação à obra, e assim explica as razões de seu desapontamento:

É verdade que eu desconfiava do insucesso, por não saber de que modo um escriptor, affeito a pintar a realidade, se transformaria num sonhador e fantasista; tive, pois, o desprazer de ver confirmada minha suspeita: o romance, cujo estylo é quasi sempre frouxo, incolor, e desfibrado, sem o vigor que retrata e caracteriza o autor de “Urupês”, é deploravelmente impatriótico e desastradamente illogico, em certos episodios. Mesmo nas obras, em que a fantasia tem a melhor parte, a previsão da successão dos acontecimentos carece de os apresentar numa série concatenada logicamente, para que o leitor não os considere absurdos.<sup>20</sup>

Em 20 de julho de 1927, por outro lado, já tendo sido lançado o livro pela Companhia Editora Nacional, aparece a crítica de Ribeiro Couto no mesmo jornal. O tom é francamente elogioso e, com nítida influência da circulação das

<sup>17</sup> “JORNAL DO BRASIL”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 10, 30 dez. 1925.

<sup>18</sup> LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 292.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 293.

<sup>20</sup> NEVES SOBRINHO, F. “O Príncipe de Nassau” e “O Choque das Raças”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 19 out. 1926.

informações sobre a tradução da obra para o inglês, francês e espanhol, porém mais atento ao alcance das ideias apresentadas no romance, o articulista escreve:

Não desejo aqui, também, accentuar a verosimilhança do fantastico, a habilidade da technica e da ideação, as hypotheses scientificas intelligentissimas que o livro encerra. Bastaria, quanto a estas, citar as futuras applicações do radio e de novas ondas á economia da vida humana.

O que desejo marcar, com um golpe fundo, é a força de interessar as massas, que a obra tem. É um livro para as multidões brancas e negras da America do Norte. É um livro para ser lido com igual interesse em toda a parte da terra. É um livro para ser vendido ás centenas de milhares, em lingua ingleza, franceza e hespanhola. Em qualquer lingua.<sup>21</sup>

Pudemos comprovar a divulgação do livro em jornais dos Estados Unidos e do Canadá no primeiro semestre de 1927. Apresentamos, na sequência, reflexos do lançamento de *O choque das raças ou O presidente negro*, inicialmente em tradução do comunicado no jornal americano *Dayton Daily News* (Dayton, Ohio), em 27 de fevereiro daquele ano. É curioso verificar o título da notícia, “Now smile” (Agora sorria), denotando a incredulidade dos editores do jornal num fato previsto acertadamente por Lobato. O conteúdo da nota é o seguinte:

NOW Smile – Um presidente negro dos EUA é previsto por autor brasileiro. Rio de Janeiro, fev. 26 – “A população negra dos Estados Unidos já soma milhões e está aumentando mais rapidamente do que a população branca. Chegará o dia em que o negro dominará em número e ganhará do branco nas urnas, elegendo um presidente negro”. Esta é a previsão feita por Monteiro Lobato, escritor brasileiro, em seu último romance, “O choque das raças, ou O presidente negro.” O autor afirma que, embora sua obra seja amplamente imaginativa, a maior parte está baseada em estatísticas e na observação atenta das condições nos Estados Unidos.<sup>22</sup>

Na divulgação seguinte, feita em um jornal de Chillicothe, no Missouri (EUA) – *The Chillicothe Constitution-Tribune* – em 9 de março de 1927, aparecem informações sobre as traduções:

Brasileiro vê negro eleito presidente dos EUA. Rio de Janeiro – “A população negra dos Estados Unidos já soma milhões e está aumentando mais rapidamente do que a população branca. Chegará o dia em que o negro dominará em número e ganhará do branco nas urnas, elegendo um presidente negro”. Esta é a previsão feita por Monteiro Lobato, escritor brasileiro, em seu último romance, “O choque das raças, ou O presidente negro”. O autor afirma que, embora sua obra seja amplamente imaginativa, muito dela está baseado em estatísticas e observação minuciosa das condições dos Estados Unidos. O autor anuncia que uma tradução para o inglês de seu livro chegará aos Estados Unidos em março. Ele também está sendo traduzido para o alemão e o francês.<sup>23</sup>

Apresentamos, desta feita, a comunicação sobre *O presidente negro* no jornal canadense *The Province* (Vancouver), em 28 de fevereiro de 1927:

Presidente negro previsto para os EUA. Rio de Janeiro, fev. 28 – “A população negra dos Estados Unidos já soma milhões e está aumentando mais rapidamente do que a população branca. Chegará o dia em que o negro dominará em

<sup>21</sup> COUTO, R. Lobato e a conquista do mundo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 20 jul. 1927.

<sup>22</sup> NOW Smile. *Dayton Daily News*, Dayton-EUA, p. 32, 27 fev. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/397405193>>, acesso em 1 jan. 2022.

<sup>23</sup> BRAZILIAN Sees Negro Elected U. S. President. *Chillicothe Constitution-Tribune*, Chillicothe-EUA, p. II, 9 mar. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/19725163>>, acesso em 1 jan. 2022.

número e ganhará do branco nas urnas, elegendo um presidente negro”. Esta é a previsão feita por Monteiro Lobato, escritor brasileiro, em seu último romance, “O choque das raças, ou O presidente negro”. O autor afirma que, embora sua obra seja amplamente imaginativa, muito dela está baseado em estatísticas dos Estados Unidos.<sup>24</sup>

A similitude dos textos se explica pelo fato de ter sido enviado do Brasil, pela “United Press”, um telegrama com o anúncio sobre o livro *O choque das raças*. O próprio Lobato explica a Rangel, em carta de 22 de abril de 1927, o procedimento: “Foi para a America um telegrama da United Press sobre *O Choque*. Telegrama para uma cadeia de jornais. Uma revista americana deu notícia e falou da provável edição inglesa”<sup>25</sup>. A ideia de Lobato era, por conseguinte, mediante a publicação do romance em solo americano e aproveitando a nomeação como adido comercial naquele país, fundar lá uma “segunda empresa editora”. A esse respeito discorre abertamente com Rangel em carta datada de 23 de março de 1927:

O cargo assegura-me subsistencia e deixa-me liberdade de ação. Espero em dois anos dispensa-lo e ficar apenas o chefe da Tupy Co. Que sonho lindo! Que maravilha! Morar e ter negocio na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor da gasolina de 800 mil automoveis! America, a terra de Henry Ford, o Jesus Cristo da Industria!<sup>26</sup>

Nessa carta divulga também a nomeação obtida e a data do embarque, que acreditava ser em 27 de abril de 1927; porém, a partida dá-se de fato um mês depois, em 25 de maio. Lobato foi discretíssimo sobre os antecedentes de sua nomeação. Numa carta ao cunhado Heitor de Moraes, de dezembro de 1926, assim se manifesta em relação ao que parece ser o sucesso de suas negociações para a assunção do cargo: “Estou bem com o governo e terei aqui o que quiser, mas bico hein. Apesar do mau estado dos negócios tudo hão de ser rosas em 1927”.<sup>27</sup>

Exatamente na véspera da partida para os Estados Unidos da América, em 24 de maio de 1927, Lobato se comunica pela última vez com o amigo Godofredo Rangel em solo brasileiro, oferecendo informações práticas:

No momento de partir não me esqueço do grande amigo. Vai esta – a ultima que te escrevo do Brasil. Em New York City, Brazilian Consulate, U.S.A., terás, como sempre, o velho

Lobato

P. S. – Qualquer coisa que queiras da Cia. Editora Nacional é só escreveres ao Otales Ferreira, que fica na direção de tudo. Já lhe recomendei que te pagasse a tradução do Rei Lear.<sup>28</sup>

É interessante descobrirmos que justamente o veículo carioca criticado por Lobato por suas letras reduzidas e revisão insuficiente, *O Jornal*, é que noticia com destaque, em 26 de maio de 1927 – um dia depois do evento – a partida do escritor para os Estados Unidos.

<sup>24</sup> NEGRO President Forecast for U S. *The Province*, Vancouver-Canadá, p. 22, 28 fev. 1927. Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/499272522>>, acesso em 1 jan. 2022.

<sup>25</sup> LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 300-301.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 300.

<sup>27</sup> LOBATO, M. Op. cit., 1961, p. 200.

<sup>28</sup> LOBATO, M. Op. cit., 1957, p. 301.

## O "AMERICAN LEGION" EM VIAGEM PARA NOVA YORK

### VIAJANTES DE DESTAQUE A BORDO DA UNIDADE AMERICANA

Depois de uma viagem de cinco dias, ancorou em nosso porto o paquete norte americano "American Legion", que veio de realizar mais uma viagem aos portos do Rio da Prata, conduzindo varios passageiros.

Entre os desembarcados aqui figuram Baron Echegoyen, Maria Roquena e Jacintha Muller.

A policia Maritima encontrou duas passageiras que não traziam todos os documentos exigidos para desembarcar neste porto e impediu-as de virem a terra, até que alguém se interessou por ellas, obtendo o desembarque.

Na referida unidade viajam para Nova York, entre outros passageiros, o diplomata argentino sr. Hector Mendoz e o clinico americano sr. John Bluther, embarcados em Buenos Aires.

Depois de algumas horas de estada na Guanabara, o "American Legion" zarpu para Bahia e Nova York, levando cerca de 50 passageiros desta cidade, entre os quaes figuram os drs. Reyes e James Scott, delegados dos Estados Unidos ao Congresso Pan-Americano de Jurisconsultos; De La Concha, delegado de Cuba, e Horacio Alfaro, representante do Panamá no mesmo Congresso, e o addido commercial junto á nossa embaixada em Washington, dr. Monteiro Lobato.

Figura 2 (ao lado): Partida de Monteiro Lobato para os EUA, em *O Jornal*.<sup>29</sup>

O destaque a que nos referimos se justifica pela veiculação da notícia em dois momentos na mesma edição: à página 2 do periódico, apresentada ao lado, e na seção "Notas Mundanas", sob o título "Hospedes e viajantes": "A bordo do paquete American Legion, partiu para os Estados Unidos o conhecido homem de letras, dr. Monteiro Lobato, que vae exercer as funções de addido commercial junto á nossa Embaixada em Washington"<sup>30</sup>. O sonho americano de Monteiro Lobato se inicia.

### Um homem de ação e movimentos

Ao encerrarmos este capítulo sobre os anos que antecedem a mudança dos Lobato para os Estados Unidos da América, quando a família se encontrava no Rio de Janeiro, talvez se possa apontar, com a recuperação sucinta dos fatos experimentados na cidade, alguns elementos que explicam a grandiosidade do escritor, justificando, pois, seu estudo.

Ao se transferir para a capital federal após a falência da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato,

o escritor não se acomoda nem desanima. Homem de ação que era, persevera na luta pelo desejo de fazer os livros circularem, os seus e de outros escritores com o mesmo intento, fundando a Companhia Editora Nacional. Erudito e astuto, oferta temas cativantes aos leitores, os quais repercutem em vendas consideráveis dos títulos.

Sempre preocupado em elevar o nível cultural dos brasileiros e aproveitando a circunstância de estar no centro do poder, não hesita em se mobilizar em prol do barateamento do produto livro. Produz artigos a respeito, divulgando os projetos da Câmara e do Senado tratando da matéria e chega mesmo a escrever uma carta ao recém-eleito presidente Washington Luís abordando o assunto abertamente.

Sendo um inimigo da elitização da leitura e do saber, sem tempo para banalidades e esnobismos, encara sua candidatura para a Academia Brasileira de Letras como uma contingência e a esta se refere com bom humor e sarcasmo.

<sup>29</sup> O "AMERICAN LEGION" em viagem para Nova York. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 maio 1927. Reprodução autorizada da imagem – Crédito: Arquivo *O Jornal*/D. A. Press.

<sup>30</sup> HOSPEDES e viajantes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 maio 1927.



Talvez enxergasse na possibilidade de integrar a agremiação mais oportunidades de levar os livros e o conhecimento advindo a um número maior de pessoas do país e, quem sabe, do exterior.

Interessa-lhe de fato a convivência com pessoas que buscam o aperfeiçoamento pessoal e da sociedade; daí a admiração expressa pelos escritores-mentores e por Rosalina Coelho Lisboa. Prestes a ocupar a função de adido comercial em Nova Iorque, movimenta-se na escrita do romance “americano” *O choque das raças* e em sua divulgação, no país e no estrangeiro. Primeiramente apresenta sua ficção científica nas páginas do jornal *A Manhã*, depois o publica pela nova editora. O anúncio de sua provável publicação em inglês, alemão e francês circula em veículos dos EUA e do Canadá.

É extraordinária sua coragem em se lançar em uma vertente de romance absolutamente nova para ele e para os escritores brasileiros inclusive. Por isso sua incursão no estilo não é aprovada de forma unânime pelos colegas, o que se comprova com a crítica negativa de Farias Neves Sobrinho no jornal *A Manhã*.

O sonho de Lobato, porém, é maior. Por acreditar em seu plano de se estabelecer como editor nos EUA e perseguir-lo incansavelmente é que embarca no vapor “American Legion” com a família em 25 de maio de 1927. Encerra-se, assim, uma fase riquíssima de sua produção e ações no Brasil e se inicia uma outra, em solo americano, em que a movimentação por ideias será mais uma vez sua marca.